

## DIAGNÓSTICO CITOLÓGICO DE ESPOROTRICOSE FELINA – UM RELATO DE CASO

BEATRIZ RODRIGUES NAHUM<sup>1</sup>; GILMARA REGINA SANTOS DA SILVA<sup>2</sup>;  
ANA BEATRIZ MACIEL DA SILVA<sup>3</sup>; SINEREY KARLA SALIM ARAGÃO DE  
SOUZA<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal Rural da Amazônia – beanahumzoo@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal Rural da Amazônia – gilmarasantos1505@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal Rural da Amazônia – anabmacielsilva@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal Rural da Amazônia – sinerey@globocom

### 1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma doença zoonótica causada pelo fungo *Sporothrix spp*, é de grande importância para a saúde pública devido sua capacidade de infecção interespecie, e rotineiramente os mais afetados são cães, gatos e humanos, tendo como principal fonte de infecção e vetor de transmissão os felinos domésticos (PIRES, 2017). A doença possui manifestações clínicas nas formas cutânea localizada, linfocutânea, linfática ou disseminada, sendo mais comumente encontrada na forma cutânea localizada, entre os principais sinais clínicos tem-se a presença de pápulas em formato nodular e ulcerações que variam desde micro e superficiais à extensas e profundas, contendo secreção sanguinolenta ou purulenta (CAVALCANTI et al., 2018).

Os felinos são considerados a maior fonte de contaminação e propagação da doença devido a existência de alta carga fúngica encontrada nas lesões e unhas, além da espécie viver cada vez mais intimamente com humanos, devido serem preferência como animal doméstico (AZAMBUJA, 2013)

O método diagnóstico da doença se baseia no histórico do animal, sinais clínicos apresentados e na realização de exames complementares já pré estabelecidos em casos de suspeita de esporotricose, sendo assim realizados o isolamento em cultura fúngica, considerado o padrão ouro para diagnosticar a esporotricose e o exame citológico, sendo o último método mais acessível economicamente e de rápida realização fornecendo o resultado de imediato, no entanto o exame citológico não substitui ou descarta a necessidade da realização da cultura fúngica, tendo em vista as chances de um resultado falso negativo (SALES et al., 2018).

O número de casos em seres humanos vem aumentando de forma exponencial, havendo uma concentração maior dos casos em regiões metropolitanas, como descrito em um estudo feito no Rio de Janeiro por BARROS et al. (2010), reflexo da grande população de felinos errantes na região, além do comportamento de fuga dos felinos domésticos que leva o contaminante para dentro de casa e prolifera a doença. Não foram encontrados levantamentos epidemiológicos na literatura referente a região metropolitana de Belém quanto a incidência de casos.

Com a alta de casos em humanos a doença só cresce em importância para a saúde pública e humana, sendo de grande relevância ambas caminharem lado a lado a fim de levar informação a população sobre o manuseio ideal de animais infectados, além de conscientizar quanto a forma de prevenção da doença e levar ao conhecimento de todos que possui tratamento, para evitar casos de abandono, evitando a proliferação da esporotricose (PIRES, 2017)

## 2. METODOLOGIA

Foi atendido no Hospital Veterinário Mário Dias Teixeira da Universidade Federal Rural da Amazônia um felino macho, sem raça definida, não castrado, com idade próxima dos 6 anos, não vacinado, vermifugado e com hábito de vida semi domiciliar - apesar de o animal possuir hábito de vida semi domiciliar o tutor relatou também que o mesmo já não saía a alguns dias. O animal em questão apresentava lesões ulcerativas pequenas e extensas, que de acordo com relato do tutor não cicatrizavam a mais de duas semanas, as lesões em questão eram localizadas nas regiões de ponta de orelha, peribucal - sendo essas as micro ulcerações - e na região dos membros torácico e pélvico direito onde estavam as ulcerações mais extensas, além das lesões o animal estava com infestação por *Lynxacarus radovski*. O diagnóstico foi realizado com base no histórico da anamnese, nos sinais clínicos, por meio do isolamento em cultura fúngica e através de exame citológico usando a técnica de coleta *imprint* nas lesões ulceradas e as lâminas coradas com panótico rápido para visualização em microscópio.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado obtido no isolamento da cultura fúngica foi positivo, em que foi possível observar estruturas leveduriformes do fungo *Sporothrix*, e pelo exame citológico coletado das lesões ulceradas – Figuras 1 e 2 - visualizou-se também leveduras do *Sporothrix*.

O isolamento em cultura fúngica é considerado o padrão ouro diagnóstico para a esporotricose GOMES et al. (2012), e é por meio desse exame que se obtém o diagnóstico definitivo da doença (CAVALCANTI et al., 2018). Para a realização desse cultivo, é necessário submete-lo em duas temperaturas, 25 e 37 °C, e em cada temperatura o fungo possui uma morfologia (CAVALCANTI et al., 2018).

No exame citológico, o fungo pode ser observado em forma leveduriforme, ovalar, com aspecto de charuto e podem estar fagocitados (MENESES, 2012), semelhante as características visualizadas na amostra citológica realizada do animal deste caso, como pode ser observado na Figura 3 e 4, em que haviam estruturas leveduriformes filamentosas e ovais presentes na lâmina.

O método citológico é o mais rápido para disponibilizar um resultado além de ter um baixo custo para a realização, consiste na impressão de uma lâmina no local ulcerado, e após isso a lâmina é corada com panótico rápido e examinada em microscópio (MENESES, 2012). Porém esse exame não substitui o isolamento em cultura devido as chances de resultar em falso negativo.

Após resultado positivo para esporotricose o tutor optou pela eutanásia do animal devido temer a contaminação domiciliar, e este fator está diretamente ligado a alta de casos de contaminação em seres humanos. Explicado pela convivência domiciliar com o felino, que por sua vez é principal transmissor da doença, devido seu hábito comportamental natural de explorar, cavar e arranhar plantas levando o fungo para dentro de casa e dando continuidade a proliferação da esporotricose (PIRES, 2017).

O animal foi direcionado ao Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) para fins de notificação do caso, por se tratar de uma zoonose, além de ser o local responsável pelo manejo correto do animal quanto a realização da eutanásia, pois o corpo deve ser incinerado e não enterrado devido o fungo sobreviver por muitos anos no solo e assim contaminá-lo e proliferar ainda mais a doença (MENESES,

2012). A existência de um centro responsável pelo controle da notificação de casos de zoonose é essencial para que exista planejamentos estratégicos para fins de controle e prevenção dessas doenças, o que muitas regiões no Brasil ainda não possuem, ficando a cargo de cada região a resolução de casos zoonóticos.



Figura 1: Ulceração em membro torácico distal.



Figura 2: Ulceração em membro torácico distal.

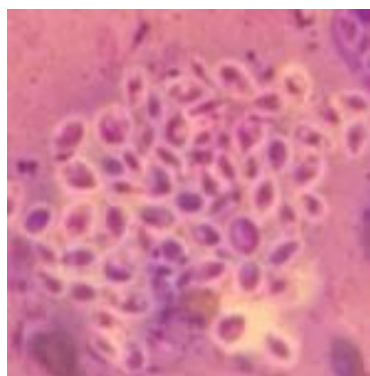


Figura 3: Estruturas ovais de *Sporothrix*.

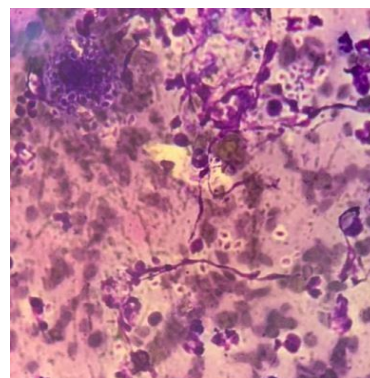


Figura 4: Filamentos leveduriformes de *Sporothrix*.

#### 4. CONCLUSÕES

A esporotricose é uma doença zoonótica para a qual existe tratamento e formas de diagnóstico pré elencadas , e que exige cada vez mais atenção das esferas governamentais por se tratar de uma questão de saúde pública, havendo a necessidade da conscientização em massa da população quanto a forma de agir perante um caso de contato com animais contaminados e qual o manejo correto tomar.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZAMBUJA, V.B. **Envolvimento Zoonótico com *Sporothrix shenckii*: relato de caso.** 2013. 25f. Monografia (Especialização em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais). Centro de Estudos Superiores de Maceió.

BARROS, M.B.L; et al. Esporotricose: A evolução e os desafios de uma epidemia. **Rev Panam Salud Publica.** 2010;27(6):455–60.

CAVALCANTI, E.A.N.L.D; et al. Esporotricose: Revisão. **PUBVET**, v.12, n.11, a215, p.1-5, Nov., 2018.

GOMES, A.R; et al. Dermatopatias Fúngicas: Aspectos Clínicos, Diagnósticos e Terapêuticos. **Acta Veterinária Brasilica**, v.6, n.4, p.272-284, 2012.

MENESES, M.S. **Esporotricose Felina – Relatos de Casos**. 2012. 33f. Monografia (Especialização em Clínica de Pequenos Animais). Universidade Federal do Semi-Árido.

PIRES, C. Revisão de Literatura: esporotricose felina. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v.15, n.1, p.16-23, 2017.

SALES, P.A.M; et al. Diagnóstico laboratorial da esporotricose felina em amostras coletadas no estado do Rio de Janeiro, Brasil: limitações da Citopatologia por *imprint*. **Rev Pan-Amazo Saude**, 9(2): 13-19, 2018.